



Crônica da Cidade

MARCOS PAULO LIMA | marcospaulo.df@cbnet.com.br

Candangão turístico

O Campeonato do Distrito Federal começa em 10 de janeiro. O arbitral realizado na última segunda-feira definiu a disputa do torneio até 21 de março. O popular Candangão é um convite ao turismo esportivo: conhecer os quatro cantos do quadrado por meio do futebol doméstico. Iniciei no jornalismo como estagiário de esportes em 2001. Nasci em Brasília. Fui criado no Cruzeiro Novo. Não havia time de futebol no meu bairro até a fundação da equipe da Aruc, em 1999. A nossa Região Administrativa sempre deu mais bola ao samba do que à bola no pé. A Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro é

recordista de títulos no carnaval. No futebol, conquistou a segunda divisão neste ano e vai figurar na elite em 2026 depois de 13 anos de abstinência. Lembro-me de Roberto de Paula e Márcio Coutinho, o Careca, tirando a Aruc do papel. Fiz matérias sobre aquela novidade para jornais comunitários à época. O Cruzeiro Novo e o Velho sempre foram apegados aos clubes do Rio de Janeiro. Havia até um endereço apelidado de Quadra dos Cariocas. Um pedacinho do Rio em finais de Estadual. O Candangão me tirou da bola. Apresentou-me o Distrito Federal. Aluno de jornalista da Universidade Católica e estagiário no Jornal de Brasília, entrava no carro da firma e sumia no mundo com bloquinho, caneta, gravador analógico e olhos brilhando rumo ao desconhecido. Fui setorista do Gama. O Centro de Treinamento era quase a minha segunda casa

durante manhãs e tardes de cobertura dos preparativos do time mais popular para os compromissos na Série A do Campeonato Brasileiro. O time figurou entre os grandes de 1999 a 2002. Segui de perto os últimos dois anos, com direito a apresentação de Paulo Nunes como reforço para o ataque alviverde. Passei várias vezes pelo famoso Balão do Periquito a caminho do velho (e do novo Bezerrão) inaugurado em 2008. Quando não estava no Gama, “morava” no campo anexo ao Serejão na cobertura quase diária do Brasiliense. Acompanhei a conquista das Séries C e B. A final da Copa do Brasil contra o Corinthians. Conheci a vida como ela é em Taguatinga, o crescimento e a modernização da cidade e fiz amigos a cada pauta na Boca do Jacaré. Curti o futebol raiz no Estádio Abadião nas partidas do Ceilândia. Fui várias vezes ao Chapadinha, a temida casa

do Brazlândia. Descobri um dos estádios mais acanhados da cidade, a Metropolitana, onde o Bandeirante, do “Seu Nenê” (que figura!), mandava as partidas. Desbravei os campos do Entorno indo ao Serra do Lago em exibições do Luziânia; Urbano Adjuto, casa do Unai, sempre liderado pelo major Elias. Conheci o Drogão, em Formosa. Bati o ponto várias vezes no Adonir Guimarães, em Planaltina, à caça do CFZ, campeão invicto em 2002. Alguns times sumiram do mapa. Era agradável ir aos jogos do Guarná no Cave. Em 2005, vi Marcelinho Carioca chutar o balde, ou melhor, a lata de lixo em dia de fúria depois de um mal resultado daquele badalado Brasiliense da Série A em um um tropeço do Candangão. Dava tempo de cobrir o jogo e comer pastel com caldo de cana na Feira do Guará. Quando surgiu o Paranoá, cobri jogo

da ladeira do Estádio Juscelino Kubitschek sob calor escaldante. Era divertido. Futebol e jornalismo esportivo raiz na veia cantando histórias inesquecíveis em canchas como a do clássico Defelê, na Vila Planalto. Se você gosta de futebol raiz, conheça os quatro cantos do quadrado via Candangão. Escolha uma partida por rodada e coloque os pés na estrada não somente para assistir, mas fazer um lanche, circular por comunidades, talvez, desconhecidas do DF. Fez diferença na minha vida e profissão. Afinal, parafraseando Milton Nascimento, todo jornalista tem que ir aonde o povo está. Das 35 cidades, oito serão representadas no Candangão: Ceilândia (Ceilândia), Cruzeiro (Aruc), Gama (Gama), Paranoá (Capital e Paranoá), Samambaia (Samambaia), Sobradinho (Sobradinho), Taguatinga (Brasiliense) e Vila Planalto (Real Brasília). Bom turismo esportivo!

FINADOS / Às vésperas do 2 de novembro, familiares começam a visitar os seis espaços de sepultamento do DF para honrar os entes queridos que partiram, mas se deparam com lixo, mato e furto de placas de identificação

Cemitérios malconservados

» ANA CAROLINA ALVES

Túmulos quebrados, lixo espalhado, mato alto e placas de identificação furtadas. Esse é o cenário que muitos brasilienses encontram ao visitar os seis cemitérios do Distrito Federal nos dias que antecedem o feriado de Finados. O que deveria ser um espaço de silêncio, memória e homenagem aos que partiram acaba revelando o descuido e a falta de preservação. Entre lápides danificadas e corredores tomados pelo capim, familiares buscam manter viva a memória de quem se foi. Em Taguatinga, o cenário é de lixo espalhado entre os túmulos, flores secas acumuladas nos corredores e mato crescendo sobre as sepulturas. Nesse cenário, o aposentado Francisco Ferreira, de 83 anos, carrega lembranças dos dois filhos e de um neto sepultados ali. Ele conta que, no ano passado, teve a placa de bronze do túmulo de um dos filhos furtada. Desde então, improvisou uma identificação com papel e plástico. “Paguei R\$ 240 na placa, em 2003. Roubaram. Aqui é assim, tudo some, e ninguém faz nada. Eu só descobri que tinha sido roubada quando vim visitá-lo, mas ainda não tive condições de comprar outra, então deixei com o papel escrito para identificar onde é a lápide”, lamenta. Francisco destaca que, mesmo havendo contrato de manutenção, o serviço não é cumprido. “A gente paga por limpeza e conservação, mas não tem nada disso. Se tivesse segurança, essas coisas não aconteciam”, desabafa. No mesmo cemitério, a família Serra ainda se revolta ao lembrar o desaparecimento das placas de bronze do jazigo do patriarca. “Assim que enterramos meu pai, levaram as plaquinhas. Disseram (administração) que era pra vender o metal”, diz Josevaldo Serra, 44. Ele explica que mandaram confeccionar novas, agora de plástico, para evitar novos furtos. “O próprio pessoal do cemitério falou pra fazer desse material, porque esse eles não levam”, detalha. A viúva Maria José Serra, 75, e a nora Lídia Gabrielle, 40, visitam o local com frequência e percebem que, além desse tipo de transtorno, a limpeza e a segurança continuam ruins. “Quando chega essa época, eles dão uma maquiada. Mas é só passar o feriado que o mato volta a crescer”, critica Maria.

Estrutura precária

No Cemitério do Gama, montes de resíduos diversos se acumulam próximo às sepulturas, misturados a sacos de lixo e galhos de árvores secos. O morador da cidade Del Reis, de 71 anos, está desanimado com o descaso. “Roubaram a plaquinha do túmulo do meu filho, levaram o nome dele e tudo. Deixaram só a foto”, relatou, indignado. “Eu me arrependo de ter enterrado ele aqui porque não tem o mínimo de cuidado com os túmulos”, protesta. Em Planaltina, uma área destinada a descarte de entulho, atrás das lápides, causa estranhamento e preocupação. Irani dos Santos, 53, e Rosilda Oliveira dos Santos, 73, descrevem um cotidiano de desleixo que precisa ser compensado pelos próprios visitantes. “Se a gente não pagar por fora, não tem manutenção aqui, além de todo o lixo espalhado por aqui, que deixa tudo feio”, queixa-se Irani. Rosilda cita furtos e vandalismo no túmulo da filha, também enterrada em Planaltina. “Já roubaram o jarro, quebraram o mármore e a cruz está sem as letras com as informações dela”, lamenta. No Cemitério de Brazlândia, o capim alto se mistura às marcas do tempo. Maria da Guia, 65, passou a manhã de ontem limpando os túmulos dos familiares — avó, dois tios, marido, mãe e irmão. “Os matos tomam conta, a gente mesmo tem de vir limpar. Se deixar, some tudo”, lamenta. O silêncio contrasta com o relato de vandalismo. “Carregaram o material de granito da capela todinha do túmulo da minha mãe e do meu marido. Quando eu cheguei, não tinha mais nada. Fico triste, porque é um lugar de homenagem e não tem nenhum cuidado nem segurança”, desabafa. Em Sobradinho, a falta de estrutura também preocupa. Enquanto limpava as sepulturas dos parentes, Rosilene Silva, 57, diz que a água para essa tarefa é difícil de conseguir. “Acabou a água que trouxemos, porque aqui nunca tem próximo aos túmulos. Agora, temos que ir até a administração pegar mais pra poder limpar”, afirma, carregando baldes e galões trazidos de casa. Seguindo ela, que tem o marido, a sogra e outros familiares enterrados ali, a manutenção do local só

Fotos: Ana Carolina Alves/CB



Em Planaltina, uma área usada para descarte de entulho logo atrás das lápides causa preocupação



No Gama, montes de lixo se acumulam perto das sepulturas



Em Brazlândia, mato alto e furto de placas



Em Taguatinga, cenário é de detritos entre os túmulos



Na Asa Sul, lápides novas contrastam com antigas

O que diz a empresa

Procurada pelo **Correio**, a Campo da Esperança Serviços, que administra os cemitérios, informou que é responsável pela manutenção das áreas comuns, o que inclui a conservação e a limpeza das salas de velórios, da área administrativa. Por esse serviço, conforme



Família lamenta roubo de placa de bronze, em Taguatinga



Em Sobradinho, Rosilene leva a água de casa para limpeza

a empresa, não é cobrada qualquer taxa dos proprietários de jazigos. “Lixo, entulho e resto de plantas e de podas são recolhidos e postos à beira da pista em montes e um caminhão da empresa recolhe o material para ser descartado. A maior parte desse material é produzida por jardineiros informais que prestam serviço irregular de manutenção de jazigos dentro dos cemitérios sem qualquer fiscalização”, disse, em nota. A limpeza e a conservação dos seis cemitérios do DF são executadas por 86 funcionários, sendo 65 dedicados exclusivamente para essas funções. O trabalho é feito diariamente, em etapas, visto que são áreas extensas. A manutenção individual e a limpeza dos jazigos são responsabilidade dos proprietários, visto que são bens privados. De acordo com a Campo da Esperança, “a segurança privada dos cemitérios é feita 24 horas por profissionais armados. Há, ainda, câmeras de vigilância instaladas em locais estratégicos para auxiliar o trabalho preventivo. Quando há ocorrência de crimes, as autoridades responsáveis são acionadas, e a empresa colabora com todas as informações que possuir”, concluiu.

Colaborou Artur Maldaner, estagiário sob a supervisão de Malícia Afonso.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 28 de outubro de 2025

» Campo da Esperança

Armando Filinto da Silva, 20 anos
Domingos Rodrigues dos Santos, 71 anos
Dulcineia Pereira Lau, 84 anos
Edmir Carvalho Cavalcante, 54 anos
Elenice Bastos da Rocha Melo, 64 anos
Expedito Lima da Silva, 85 anos
João Luiz de Oliveira, 71 anos
José Moreira Xavier, 70 anos
Luciano Galdino Pereira, 70 anos
Raimunda Ferreira Martins, 60 anos
Vera Regina Kling, 61 anos
Yago Machado de Lima, 31 anos

» Taguatinga

Agostinho de Paula Silveira, 95 anos
Cícera Primo da Silva, 76 anos
Délia Maria Araújo Nunes, 55 anos
Francisco Moraes de Carvalho, 81 anos
Geraldina Francisca Rocha, 56 anos
Jane Rodrigues do Nascimento Costa, 87 anos
José Almeida Oliveira, 76 anos
José Antônio Panta Barbosa, 67 anos
José Maria da Silva Filho, 60 anos
Juraci Ferreira da Silva, 56 anos
Lea Alves da Silva Araújo, 41 anos
Maria Lucena de Araújo, 79 anos
Nair de Araújo Moreira, 93 anos

Narciza Dias Silva Ferreira, 75 anos
Noel da Silva Torres, 69 anos
Noelle Marques Santos, menos de 1 ano
Silvanete Maria Matos de Oliveira, 71 anos
Valdivina de Oliveira Reis, 72 anos

» Gama

Acidalia Andrade Correia, 75 anos
José Inácio da Conceição, 90 anos
Sofia Estevam de Quadra, menos de 1 ano

» Planaltina

Benício Silva de Souza, menos de 1 ano
Hélio Cantilo Santiago, 61 anos
Josina Ferreira de Oliveira, 82 anos

Luzinete Quitéria da Conceição, 67 anos

» Sobradinho

Alexsandro Mota da Silva, 42 anos
Luiz Hermínio de Moura, 93 anos
Maria do Amparo de Sousa, 72 anos
Paulo Paz de Araújo, 59 anos

» Jardim Metropolitano

Adriano Soares Pereira, 48 anos (cremação)
Aldemar Nepomoceno Barbosa, 85 anos
Carmina da Silva Divino, 82 anos
Claudemir Ferreira do Nascimento, 44 anos
Jurandi Araújo Silva, 89 anos
Sebastião de Oliveira Santos, 91 anos (cremação)